

Seminário de Filosofia Olavo de Carvalho

www.seminariodefilosofia.org

Excertos de: Immanuel Kant,

A IDÉIA DE UMA HISTÓRIA UNIVERSAL COM UM PROPÓSITO
COSMOPOLITA

Tradução de Arthur Morão

www.lusosofia.net

[O historiador,] se considerar no seu conjunto o jogo da liberdade e da vontade humana, poderá descobrir um curso regular [...]. Assim os casamentos, [...] já que a livre vontade dos homens sobre aqueles tem tão grande influência, não parecem estar submetidos a regra alguma [...] e, no entanto, os quadros [estatísticos] anuais dos grandes países mostram que eles ocorrem segundo leis naturais constantes, tal como as alterações atmosféricas, cuja previsão não é possível determinar com antecedência em cada caso singular, mas que no seu conjunto não deixam de manter num curso homogêneo e ininterrupto o crescimento das plantas e outros arranjos naturais. Os homens singulares e até os povos inteiros, só em escassa medida se dão conta de que, ao perseguirem cada qual o seu propósito de harmonia com a sua disposição [...] seguem imperceptivelmente, como fio condutor, a intenção da Natureza [...]

[...] Tudo, no conjunto [da História], se encontra finalmente tecido de loucura, de vaidade infantil e, com muita frequência, também de infantil maldade e ânsia destruidora. [...] O filósofo [...] não pode pressupor nenhum propósito racional peculiar exceto inquirir se ele não conseguirá descobrir uma intenção da natureza no absurdo trajeto das coisas humanas, a partir da qual seja possível uma história de criaturas que procedem sem um plano próprio e, no entanto, em consonância com um determinado plano da natureza.

[...]

PRIMEIRA PROPOSIÇÃO

Todas as disposições naturais de uma criatura estão determinadas a desenvolver-se alguma vez de um modo completo e apropriado.

[...] se, de fato, renunciarmos a esse princípio, já não temos uma natureza regular, antes uma natureza que atua sem finalidade [...].

SEGUNDA PROPOSIÇÃO

No homem [...] as disposições naturais que visam o uso da sua razão devem desenvolver-se integralmente só na espécie, e não no indivíduo.

A razão [...] não atua [...] de modo instintivo, mas precisa de tentativas, de exercício e de aprendizagem [...] pelo que cada homem teria de viver um tempo incomensuravelmente longo para aprender como deveria usar com perfeição todas as suas disposições naturais; ou se a natureza estabeleceu apenas um breve prazo à sua vida (como realmente acontece) ela necessita de uma série talvez incontestável de gerações, das quais uma transmite à outra os seus conhecimentos [...].

TERCEIRA PROPOSIÇÃO

A natureza quis que o homem tire totalmente de si tudo o que ultrapassa o arranjo mecânico da sua existência animal, e que não compartilhe nenhuma outra felicidade ou perfeição exceto a que ele, liberto do instinto, conseguiu para si mesmo, mediante a própria razão.

A natureza [...]. Que tenha dotado o homem de razão e da liberdade da vontade [...] era já um indício claro da sua intenção [...] que só as últimas gerações terão a sorte de habitar na mansão em que uma longa série dos seus antepassados (...) trabalhou [...] como classe de seres racionais, sujeitos à morte no seu conjunto [...].

QUARTA PROPOSIÇÃO

O meio de que a natureza se serve para obter o desenvolvimento de todas as suas disposições é o antagonismo destas na sociedade, na medida em que ele se torna [...] a causa de uma ordem legal das mesmas disposições.

Entendo aqui por antagonismo a sociabilidade insociável dos homens [...] a sua tendência para entrar em sociedade; essa tendência, porém, está unida a uma resistência universal que, incessantemente, ameaça dissolver a

sociedade [...]. O homem tem uma inclinação para entrar em sociedade [...]. Mas também uma grande propensão para se isolar [...] esta resistência é que desperta todas as forças do homem [...] movido pela ânsia das honras, do poder e da posse, a obter uma posição entre os seus congêneres, que ele não pode suportar, mas dos quais também não pode prescindir. [...] Desenvolvem-se pouco a pouco todos os talentos [...], através de uma incessante ilustração, o começo transforma-se na fundação de um modo de pensar que, com o tempo pode [...] transmutar ainda, deste modo, num todo moral em consonância para formar [a] sociedade, patologicamente provocada. Sem as propriedades em si decerto não dignas de apreço, da insociabilidade [...] todos os talentos ficariam para sempre ocultos [...] numa árcadica vida de pastores [...].

QUINTA PROPOSIÇÃO

O maior problema do gênero humano [...] é a consecução de uma sociedade civil que administre o direito em geral.

[...] só na sociedade [...], naquela que tem a máxima liberdade, por conseguinte, o antagonismo universal dos seus membros possui, no entanto, a mais exata determinação e segurança dos limites de tal liberdade [...] só nela se pode obter a mais elevada intenção da natureza, posta na humanidade, a saber, o desenvolvimento de todas as suas disposições, a natureza quer também que ela própria realize este seu fim [...] por isso, uma sociedade em que a liberdade [...] se encontra unida no maior grau possível com o poder irresistível, isto é, uma constituição civil perfeitamente justa, que deve constituir para o gênero humano a mais elevada tarefa da natureza; [...]. Toda a cultura e toda a arte, que ornamentam a humanidade, e a mais bela ordem social são frutos da insociabilidade que [...] é forçada a disciplinar-se [...].

SEXTA PROPOSIÇÃO

A dificuldade [...] é a seguinte: o homem é um animal que [...] precisa de um senhor. [...]que lhe quebrante a vontade própria e o force a obedecer a uma vontade universalmente válida, e possa, todavia, ser livre. [...] Mas tal senhor é também um animal, que carece de um senhor. [...] não é de prever, portanto, como é que um chefe da justiça pública venha a conseguir tomar-se justo; [...]de um lenho tão retorcido [...] nada de inteiramente direito se pode fazer. Apenas a aproximação a esta idéia nos é imposta pela natureza.

SÉTIMA PROPOSIÇÃO

O problema da instituição de uma constituição civil perfeita depende, por sua vez, do problema de uma relação externa legal entre os Estados e não pode resolver-se sem esta última.

[...] A mesma insociabilidade [...] é de novo a causa por que cada comunidade se encontre numa relação exterior [...] numa liberdade irrestrita e, por conseguinte, cada uma deve esperar do outro os males que pressionaram e constrangeram os homens singulares a entrar num estado civil legal. [...] por meio das guerras [...] a natureza compele-os, primeiro, a tentativas imperfeitas e, finalmente, após muitas devastações [...], ao intento que a razão lhes podia ter inspirado, mesmo sem tantas e tão tristes experiências, a saber: sair do estado sem leis dos selvagens e ingressar numa liga de povos [...]. Embora essa idéia pareça ser fantasiosa [...], nem por isso deixa de ser a inevitável saída da necessidade [...] renunciar à sua liberdade brutal e buscar a tranquilidade e a segurança numa constituição legal. Todas as guerras são, pois, outras tentativas [...] de suscitar novas relações entre os Estados [...]; até que, por fim, [...] se erija um estado que, semelhante a uma comunidade civil, se possa manter a si mesmo como um autômato.

[...] deverá esperar-se de uma convergência epicurista das causas [...] se consiga uma formação [...]; ou supor-se-á, pelo contrário, que a natureza perseque aqui um curso regular – conduzir gradualmente a nossa espécie desde o estágio inferior da animalidade até ao nível máximo da humanidade [...]; ou supor, se preferir, que todas as ações e reações dos homens no seu conjunto não provém nada que permaneça ou, pelo menos, nada que seja sagaz [...], não se pode predizer se dissensão [...] não acabará por nos preparar, num estado assim civilizado, um inferno de males, porque talvez venha a destruir esse mesmo estado e todos os progressos realizados na cultura (destino que não se pode encarar sob o governo do acaso cego [...]) [...] será razoável supor a finalidade da natureza nas suas partes e, no entanto, não a admitir em seu conjunto? [...] por meio das devastações que a guerra prepara e, [...]se impede o pleno desabrochamento das disposições naturais no seu avanço; em contrapartida, porém, também os males daí provenientes constroem a nossa espécie a encontrar [...], uma lei de equilíbrio e um poder unificado que lhe dá força; [...] que não é desprovido de perigos, a fim de as forças da humanidade não dormitarem, mas que também não existe sem um princípio da igualdade das suas recíprocas ações e reações, a fim de não se destruírem entre si. [...] e Rosseau não

estava enganado ao preferir o estado dos selvagens, se se deixar de lado o último estágio que a nossa espécie ainda tem que percorrer. [...] Nessa situação permanecerá, sem dúvida, o gênero humano até sair, do modo como referi, do estado caótico das suas relações estatais.

OITAVA PROPOSIÇÃO

Pode encarar-se a história humana no seu conjunto como a execução de um plano oculto da natureza, a fim de levar a cabo uma constituição estatal [...] perfeita [...].

[...] O que apenas importa é se a experiência nos descortina algo de semelhante no curso do propósito da natureza. Digo: muito pouco; [...] esta trajetória circular parece exigir um tempo tão longo antes de se fechar [...] só com igual incerteza se pode determinar a forma do seu curso [...]. Contudo, a natureza humana implica não ser indiferente em relação à época mais remota que dirá respeito à nossa espécie, [...]. Por isso, são muito importantes até mesmo os débeis indícios da sua aproximação. [...]; portanto, os intentos de glória dos Estados asseguram, consideravelmente, se não o progresso, pelo menos a manutenção desse fim da natureza. [...] e surge assim gradualmente, com devaneios e delírios subreptícios, a ilustração, como um grande bem que o gênero humano deve preferir ao propósito egoísta de expansão dos seus governantes, se chegar simplesmente a compreender o seu próprio benefício [...]. Mas essa ilustração, [...] deve subir a pouco a pouco aos tronos e influenciar, inclusive, os seus princípios de governo. [...] Embora este corpo político se encontre agora só ainda num projeto grosseiro, começa já, por assim dizer, a suscitar um sentimento em todos os membros, interessados na manutenção do todo, isso alenta a esperança de que, após muitas revoluções transformadoras, virá por fim a realizar-se o que a natureza apresenta como propósito supremo: um estado de cidadania mundial [...].

NONA PROPOSIÇÃO

Um ensaio filosófico que procure elaborar toda a história mundial segundo um plano da natureza, em vista da perfeita associação civil no gênero humano, deve considerar-se não só como possível mas também como fomentando esse propósito da natureza.

[...] incongruente querer conceber a história segundo uma idéia de como deveria ser o curso do mundo [...]; parece que, num tal intento, apenas poderia vir à luz uma novela. Mas se a natureza, por suposição, [...]

não procede sem plano e meta final, semelhante idéia poderia ser muito útil [...] ¹ descobrir-se-á um curso regular da melhoria da constituição estatal na nossa parte do mundo (que, provavelmente, algum dia dará leis a todas as outras). [...] mas de maneira a ter restado sempre um germe de ilustração, o qual, avivado por cada revolução, prepara um ulterior estágio mais elevado de melhoramento [...]. Pois, de que serve exaltar a magnificência e a sabedoria da criação [...] se a parte que contém o fim de todo o grande teatro da sabedoria suprema – a história do gênero humano – continua a ser uma objeção incessante, cuja visão nos força a desviar os olhos com desagrado [...].

[...] a riqueza dos pormenores [...] levará cada qual decerto a considerar como precaução como conseguirá a nossa ulterior descendência carregar com o peso da história que lhe vamos deixando, ao longo dos séculos? Apreciará, sem dúvida, as épocas mais antigas [...] a partir do ponto de vista do que lhe interessa, a saber, o que os povos e os governos fizeram, ou não, com um propósito cosmopolita?

1 Só um público ilustrado, que perdurou sem interrupção desde o começo até nós, pode autenticar a história antiga. Para lá dele, tudo é terra incognita; [...]. Isto aconteceu com o povo judaico no tempo de Ptolomeus [...].